

Transformar o mundo: o “fio vermelho” que entrelaça as várias faces de Antonio Gramsci. Entrevista com Gianni Fresu*

FERNANDA CAVALCANTI COSTA**

E SERGIO SCHARGEL MAIA DE MENEZES***

Fale um pouco sobre sua carreira, trajetória, seus livros, que marcos você achou importantes, o que motivou a sua vinda para o Brasil, como tem sido sua carreira aqui, o ambiente acadêmico, se é parecido com o italiano.

Gianni: Eu me formei no âmbito dos estudos em torno do materialismo histórico, fiz doutorado em Filosofia na Universidade de Urbino com Domenico Losurdo e depois comecei a trabalhar na Universidade de Cagliari. Em 2014 recebi um convite do professor Marcos Del Roio para lecionar como professor convidado da Unesp. Cheguei em 2014 na Unesp para ficar por um ano em razão de meus estudos sobre Gramsci, porque na Itália eu já tinha publicado alguns livros: *Il Diavolo nell'ampolla*; *Lenin, lettore di Marx*; *Oltre la parentesi: fascismo e storia d'Italia nell'interpretazione gramsciana*; *Eugenio Curiel: il lungo viaggio contro il fascismo* e *La prima bardana, modernizzazione e conflitto nella Sardegna*

* Entrevista com Gianni Fresu, realizada remotamente em 12 de outubro de 2021. Gianni Fresu é professor de Filosofia Política da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. É doutor em filosofia pela Universidade de Urbino Carlo Bo (Itália). Presidente da International Gramsci Society Brasil desde setembro de 2019. Publicou diversos livros na Itália e no Brasil dedicados aos estudos no campo do materialismo histórico, pensamento político e filosófico na história do movimento operário, fascismo e pensamento autoritário. Autor de *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. Membro do grupo de tradução integral do italiano para o português dos *Cadernos do Cárcere* da International Gramsci Society Brasil.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense – PPGCP/UFF. E-mail: fccosta@id.uff.br

*** Doutorando em Letras pela USP, doutorando em Ciência Política pela UFF. E-mail: sergioschargel@gmail.com

dell'Ottocento. Eu já trabalhava nas organizações gramscianas, na International Gramsci Society e fui fundador do Centro di studi della Sardegna Antonio Gramsci.

Me senti muito bem no Brasil, então decidi prestar um concurso. O primeiro que fiz foi para a Universidade Federal de Uberlândia – UFU, para professor de filosofia política, passei e fiquei. Em outubro de 2020 recebi uma proposta da Universidade de Cagliari para atuar como pesquisador, então agora estou de licença na UFU e vou ficar por três anos aqui na Itália, mas viajando. Em 2022 voltarei ao Brasil, meu vínculo com a UFU está sempre ativo.

Retornei para a Universidade de Cagliari exatamente porque o reitor decidiu aproveitar o grande interesse em Antonio Gramsci para internacionalizar os estudos da Universidade de Cagliari e criar um polo de estudos gramscianos. Aqui existe o *GramsciLab*, que é o laboratório internacional de estudos gramscianos, estamos trabalhando nessa direção. Na semana passada [outubro de 2021] organizamos um grande evento internacional com o IGS Brasil, o Instituto Gramsci da Sardenha e o GramsciLab, *Gramsci e o mundo de hoje*, em que foi apresentado o *status* dos estudos sobre Gramsci em todos os continentes do mundo: 25 países apresentaram estudos sobre Gramsci nesse período. Dentro das atividades que desenvolvi no Brasil, é particularmente importante para mim a fundação da IGS Brasil no Rio de Janeiro em 2015, da qual me tornei presidente em 2019. Em 2022 faremos o nosso III Colóquio Internacional e a nossa 4ª Assembleia Nacional da IGS Brasil, em Goiânia, e o tema será *Filosofia da práxis e tradutibilidade filosófica: legado de Gramsci na América Latina*. Será um evento muito importante.

Junto a outras atividades que como IGS Brasil estamos desenvolvendo, além dos nossos seminários, da nossa revista e do nosso boletim, está a nova tradução integral dos *Cadernos do Cárcere* em língua portuguesa. Criamos uma equipe de 20 estudiosos, coordenada por Giovanni Semeraro, pois, como se sabe, a edição brasileira dos *Cadernos* de Gramsci tem o problema de não ser integral, além de ter uma estrutura híbrida, e não crítica, e alguns problemas de tradução. Já em 2022 vamos apresentar os resultados desse trabalho.

Sinto-me muito bem no Brasil, posso dizer até que encontrei no Brasil um fermento cultural e político que infelizmente não existe mais na Itália. A Itália é, para mim, um país em decomposição intelectual. E isso caracteriza particularmente os estudos gramscianos. Na Itália temos ótimos estudos filológicos, que entendem perfeitamente a origem dos lemas, das categorias de Gramsci e seu desenvolvimento, mas que têm pouco interesse para a tradução de Gramsci nas realidades nacionais e sobretudo nas contradições atuais e nas lutas sociais e políticas. Gramsci desenvolve as suas teorias em torno do princípio de “filologia vivente”: a filologia deve necessariamente traduzir o universal no nacional, a partir das condições específicas (no caso do Brasil, a cultura brasileira, a história brasileira); mas, sobretudo, deve traduzir a filosofia na práxis, ou seja, sem a tradução política, a utilização dos recursos analíticos para resolver as contradições de hoje, não apenas interpretar, mas transformar o mundo, o material se torna estéril.

Encontrei no Brasil uma grande vitalidade exatamente porque temos constantemente o interesse em traduzir Gramsci e tornar esse autor não apenas uma referência de arqueologia política, mas um instrumento para entender o hoje, tanto no nível do devir histórico, portanto, nos processos de modernização do Brasil, quanto para pensar a transformação e superação de suas contradições. Gosto do ambiente intelectual do Brasil, daquele gramsciano em particular.

E no Brasil publiquei, primeiro com a editora Anita Garibaldi, *Lênin leitor de Marx*, que é a tradução de meu livro publicado na Itália, em que estudo a questão da dialética e do determinismo no movimento operário, colocando a elaboração de Lênin dentro de uma particular vertente do materialismo histórico que valoriza a dialética hegeliana entre as fontes do marxismo, e que tem elementos novos na edição brasileira que não temos na velha edição italiana. Depois publiquei *Nas trincheiras do Ocidente* pela editora UEPG e, por fim, em 2020, *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*, que agora está sendo traduzido para ser publicado nos EUA.

Também estou envolvido em um outro projeto, um novo livro que pretendo idealizar, *O universal imperfeito: Gramsci e a questão liberal*. Eu pretendo abordar como Gramsci trata da questão liberal ao longo de sua história, porque é um tema que foi pouco discutido e é interessante tanto para entender os desenvolvimentos de Gramsci em relação à grande luta do universal, como Gramsci se entrelaça à tradição de Hegel e à ideia das revoluções burguesas como processo para o universal e, ao mesmo tempo, como Gramsci localiza dentro do liberalismo uma contradição fundamental: o universal, no liberalismo, sempre fica incompleto, porque visa sempre à separação da sociedade a partir da divisão entre trabalho espiritual e material para chegar à separação e à articulação por classes da sociedade.

Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre os esforços de tradução de Gramsci no Brasil. Sua biografia intelectual tem sido muito relacionada a esses esforços de tradução das ideias de Gramsci, em razão das limitações, que o senhor mesmo já mencionou, das traduções com que trabalhamos aqui.

G: Outro trabalho de tradução no Brasil em que estou envolvido é a coleção, criada no ano passado, *Escritos Gramscianos*, da Boitempo. O primeiro livro *Odeio os indiferentes* já foi publicado e agora fiz a proposta de organizar dois livros sobre a questão sindical em Gramsci, então vamos publicar agora o primeiro livro que é uma seleção de artigos de Gramsci – a maioria inédita em português – sobre sindicatos e conselhos entre 1914 e 1920. Depois teremos um segundo volume entre 1921 e 1926. Isso é já uma outra contribuição para esse processo de tradução.

O meu livro tentou primeiramente explicar como entre as três etapas da vida de Gramsci não existe uma fratura, como muitos afirmam. Não podemos contrapor o Gramsci político ao Gramsci homem de cultura. Gramsci se desenvolve, não fica sempre o mesmo autor, mas é sempre fiel aos seus ideais de transformação do mundo. Em particular tentei explicar qual é o fio vermelho que une as três

etapas e, sobretudo, como as categorias se formam, porque, como vocês sabem, Gramsci tem um grande sucesso em nível internacional, tem uma aplicação em campos de estudos bem diferentes e articulados. Isso é muito positivo, Gramsci é o autor italiano mais traduzido e estudado no mundo, junto com Maquiavel e Dante Alighieri. O problema é que algumas vezes temos uma utilização incoerente e descontextualizada de Gramsci, porque muitas vezes falta o conhecimento do processo de formação filosófica de Gramsci, o conhecimento do contexto político em que ele desenvolveu as suas ideias e se engajou em uma luta política, inclusive porque é pouco conhecida, por exemplo, a importância da formação sarda de Gramsci. Quanto à contradição da Sardenha, por exemplo, é importante definir a ideia de questão meridional. Então com esse livro tentei criar uma biografia intelectual que possa fornecer um quadro mais unitário da biografia de Gramsci explicando quanto as categorias são entrelaçadas à experiência concreta da vida de Gramsci.

Meu mestre Losurdo escreveu que ao abordar um autor podemos utilizar métodos diferentes, um desses métodos é o de estudar as leituras, os escritos, os autores que mais o influenciaram. Outra é a modalidade por meio da qual esse autor aborda as contradições do existente. No caso de Gramsci, também os estudos e os aprofundamentos teóricos partem sempre de um impulso político. Ver como Gramsci se relaciona às contradições, primeiro à da região em que nasceu, da Itália em um período histórico como aquele, marcado pela crise orgânica mundial e a crise de hegemonia das classes dirigentes liberais depois da guerra, é fundamental para entender as categorias de Gramsci. Dentro desse processo, todavia, eu tentei explicar o quanto é importante a tradução nacional.

Gramsci se forma a partir da grande inspiração de Lênin. E uma das grandes aquisições de Lênin é que não podemos falar de revolução, de burguesia, de proletariado em termos gerais, sempre temos que falar a partir da concreta realidade econômico-social, cultural e histórica de uma nação, porque todos esses elementos mudam na realidade nacional e porque mesmo o processo de emancipação de uma nação muda. Não temos um padrão único para o socialismo, essa é a primeira crítica que Lênin dirige à Segunda Internacional e por isso a revolução russa é uma verdadeira revolução que abre as portas do marxismo para um mundo que é diferente da Europa, porque é uma revolução camponesa, então isso faz com que seja possível ao marxismo tornar-se uma doutrina de libertação para povos na África, na América Latina e na Ásia, ou seja, a realidade onde as condições objetivas não eram aquelas do desenvolvimento capitalista ocidental, que o marxismo ocidental sempre colocou como indispensáveis.

A partir de Lênin, Gramsci coloca a questão da tradução do universal no nacional. Isso significa que, para Gramsci, é fundamental sempre fazer uma análise das especificidades da realidade em que estamos envolvidos. E um dos maiores problemas, por exemplo, na esquerda em nível internacional é a tendência a fazer leituras demasiadamente gerais sem tentar abordar as especificidades da cultu-

ra, da história, da estrutura econômico-social da nação em que aqueles sujeitos agem. Então Gramsci é um estímulo forte. Isso significa que temos que fazer uma tradução da dimensão teórica para a prática, do universal para o nacional. E para fazer tudo isso acho que as categorias de Gramsci são fundamentais como recursos analíticos.

Claro que se a tradução literal da obra de Gramsci fica limitada ou não perfeitamente realizada, isso é um problema. Um exemplo: vocês sabem que a primeira edição dos *Cadernos do cárcere* no Brasil foi praticamente a edição temática Togliatti & Platone incompleta. Depois foi realizada uma outra edição, aquela de Coutinho, que é um híbrido que junta elementos da edição crítica com a edição temática, sempre não completa. Os problemas que temos, além do fato de que não reproduz a estrutura dos cadernos como na edição crítica de Gerratana, são algumas questões graves de tradução: por exemplo, Gramsci nunca utiliza a expressão “progressista”, enquanto utiliza muito a expressão “progressiva”. Nos *Cadernos do cárcere* da edição brasileira “progressivo” está sempre traduzido como “progressista”, isso muda totalmente o sentido das frases. Encontrei vários estudiosos que se equivocaram em algumas leituras de Gramsci exatamente a partir dessa tradução errada. Gramsci, por exemplo, fala do fordismo como modalidade produtiva potencialmente “progressiva”, não “progressista”. Fala de classes “progressivas”, não de classes “progressistas”, o que não faz sentido. Fala de cesarismo “progressivo”, não “progressista”. Exemplos como esses explicam o quanto uma tradução correta é importante para não se cometer equívocos sobre Gramsci.

Por isso uma das primeiras tarefas que assumi quando virei presidente da IGS Brasil foi a de propor uma nova tradução integral dos cadernos, que estamos realizando. A nossa ideia é primeiramente colocar o resultado desse trabalho na internet, para democratizar o acesso a Gramsci e favorecer a circulação – inclusive porque isso vai nos ajudar se cometermos erros na tradução, pois teremos tempo para fazer modificações, sendo um trabalho digital – mas com uma visão e a perspectiva de concluir esse processo com livros impressos.

Em suma, a questão da tradução tem vários momentos: o momento da tradução da filosofia na práxis, o momento da tradução do universal para o nacional e o momento da tradução literal e correta das categorias gramscianas no sentido da tradução de uma língua para outra, que nunca pode ser, segundo Gramsci, perfeita, mas que deve tentar fornecer um aparato crítico e uma correspondência entre termos e categorias o mais próximo possível à ideia do autor. Então é uma coisa que não é simples, mas que estamos tentando realizar.

A próxima pergunta toca justamente no tema da importância das categorias e dessa retratação mais rigorosa do pensamento de Gramsci. Em sua biografia o senhor destaca a importância do pensamento de Labriola para Gramsci sobretudo na compreensão do marxismo como filosofia independente e original. Gostaria que comentasse sobre como essa influência ajudou Gramsci a combater

a vulgarização determinista do pensamento de Marx, crítica que ainda hoje é dirigida ao marxismo.

G: Eu acho que um dos marcos que une as diferentes etapas do pensamento de Gramsci e da biografia de Gramsci é a recusa ao positivismo e ao determinismo. Isso explica também a inicial influência de Benedetto Croce e da filosofia idealista italiana no jovem Gramsci, exatamente como reação à cultura oficial do partido socialista italiano e da Segunda Internacional. A ruptura com Croce se determina essencialmente a partir do juízo que este exprime sobre a revolução de outubro, e Lênin vira o elemento que torna mais completa a transição do idealismo para o materialismo histórico em Gramsci. Mas dentro desse processo de transição está esse autor, Antonio Labriola, que tem uma importância fundamental.

Labriola se formou no período do segundo florescimento hegeliano na cidade de Nápoles, ou seja, ele era um discípulo do grande filósofo Bertrando Spaventa, então da escola hegeliana italiana. Ele chega a Marx por meio de um conhecimento profundo da dialética de Hegel, em um período histórico no qual o marxismo tornava-se a doutrina preponderante do movimento operário, sendo veiculado essencialmente pelo positivismo filosófico ou pela aplicação das teorias das ciências naturais às ciências sociais – a ideia de que como na evolução da espécie se passa do macaco ao homem por razões internas ao processo evolutivo, da mesma forma na sociedade humana passamos do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista e, por fim, ao socialismo, por contradições internas à economia.

Labriola recusou essa leitura e foi um crítico implacável do determinismo e do positivismo. Ele teve também uma importância porque trocava cartas com os principais teóricos da Segunda Internacional, Engels, Bebel, Kautsky, Bernstein. Ele polemizou ao longo de sua vida contra esses desvios do marxismo para o determinismo. Labriola é único representante do marxismo italiano que foi ponto de referência na formação de Gramsci e no grupo da *L'Ordine Nuovo*.

Labriola elabora a definição de filosofia da práxis que, segundo Gramsci, é até mais completa e adequada do que a expressão “materialismo histórico”. Ele é um ponto de referência fundamental, porque Gramsci vive um processo de transição da influência inicial do neoidealismo italiano para o materialismo histórico que se fortalece exatamente graças à importância de Antonio Labriola.

Palmiro Togliatti, que conheceu muito bem Gramsci porque estudou com ele e se envolve desde o início nos mesmos projetos políticos de Gramsci, partilhando da mesma época de estudos e do período na *L'Ordine Nuovo*, bem como da fundação, transformação e refundação do partido comunista da Itália, diz em uma entrevista de 1953: “Bertrando Spaventa foi fundamental para Labriola na transição, da mesma forma que Feuerbach foi para Marx”. E complementa: “Labriola tem o mesmo processo de evolução intelectual que caracteriza Marx”. Gramsci se inscreve nesse marco. Labriola é uma figura absolutamente central para entender como o marxismo de Gramsci se coloca de forma totalmente dife-

rente em comparação tanto com o socialismo reformista de Turati, quanto àquele maximalista de Serrati. É também diverso do socialismo radical e revolucionário de Amadeo Bordiga, com o qual ele polemizou exatamente porque, mesmo sendo um revolucionário intransigente, Bordiga reproduzia, nos seus esquemas lógicos, a mesma postura determinista do socialismo da segunda internacional. Esse é um tema fundamental, porque outro grande protagonista da luta contra o determinismo e o positivismo a partir das polêmicas com Plekhanov foi Lênin, outro ponto de referência de Gramsci.

Ainda sobre Labriola, em 06 de outubro de 2021 realizei um seminário, uma aula para a Universidade Federal de Goiás, está no YouTube uma miniaula de mais uma hora sobre o tema “Influência de Croce e Labriola no pensamento de Gramsci: do idealismo à filosofia da práxis”. Para aprofundar esse tema, explico bem o quanto Labriola e Croce são importantes para a formação de Gramsci.

É justamente esse ponto da vulgarização e do determinismo que o senhor retoma quando faz uma ponte em sua biografia entre o pensamento de Gramsci e de Lukács, principalmente explicando como Lukács também ajudaria a superar essas críticas. Surge uma questão sobre essa inserção do pensamento do último Lukács no Brasil. A obra História e consciência de classe é muito estudada e conhecida, mas o Lukács da Ontologia coincidentemente fica um pouco restrito a um aprofundamento de estudos no Brasil e na Itália e vem pelas mãos das mesmas pessoas, praticamente, que trouxeram Gramsci, Coutinho, Konder e José Paulo Netto. O Lukács da Ontologia já é um teórico que critica alguns pontos que levanta no História e consciência de classe, se retrata, inclusive, da própria concepção de práxis revolucionária que expõe nesse texto e vai se dedicar à questão do trabalho como categoria fundante na Ontologia. Nesse ponto há uma coincidência entre o que ele entende por ideologia e o conceito que o próprio Gramsci expõe, embora Lukács não cite Gramsci. É uma identidade interessante, principalmente quando ele enfatiza a ideologia em sua função social, voltada ao convencimento de outros indivíduos. Gostaria de saber se o senhor acha que há um campo de estudos possível, fértil para esse ponto comum da obra de Lukács na Ontologia e o pensamento de Gramsci, principalmente nessa questão da ideologia.

G: Primeiramente eu acho que o processo de evolução de Lukács é perfeitamente coerente com o fato de que um autor que tenha um mínimo de postura dialética aborde seu pensamento diante das contradições da realidade, então não pode ficar sempre igual a si mesmo. Mesmo Gramsci muda nas diferentes etapas. Isso não significa que Gramsci mude a sua visão do mundo, as lutas nas quais está envolvido, mas o Gramsci revolucionário e o Gramsci teórico dos *Cadernos* para mim são a mesma pessoa. No entanto, Gramsci cresce, tem novas aquisições culturais, tem uma possibilidade de refletir. Por exemplo, o juízo dos artigos juvenis de Gramsci sobre o jacobinismo é muito negativo, enquanto nos *Cadernos* ele tem uma avaliação profundamente positiva, porque Gramsci entende como os jacobi-

nos foram os representantes da revolução em ato, o elemento que devia inspirar os comunistas na tentativa de criar novos blocos sociais atraindo os camponeses, ampliando a base social.

Eu acho que existem vários elementos a partir do conceito de ideologia, mas não apenas entre Gramsci e Lukács. Assim tanto no primeiro quanto no segundo, o constante destaque da centralidade da dialética hegeliana como fonte essencial do marxismo, sem a qual o marxismo se torna uma matéria estéril e incapaz de se relacionar ao mundo, tem elementos de grande proximidade, por isso acho que há possibilidade e seria bom realizar estudos aprofundados sobre esses elementos comuns. Na verdade, só no Brasil encontrei uma certa contraposição entre Gramsci e Lukács, ou melhor, entre os estudiosos de Lukács e os estudiosos de Gramsci, quase de rivalidade em um terreno de disputa dos estudos do marxismo. Eu acho que apesar das diferenças entre os estudos de Gramsci e os estudos de Lukács, que existem com quaisquer outros autores, porque os autores vivem em realidades diferentes, com formações não perfeitamente coincidentes, pode e deve ocorrer um diálogo e uma colaboração para a esclarecer elementos em comum e elementos de diferenciação, em vez de se apresentar como torcedores de um autor ou de outro, não estamos falando de Flamengo ou de Corinthians, mas estamos falando de autores do materialismo histórico que militam no mesmo campo e que vivem grandes contradições históricas.

O papel dos intelectuais tem um espaço central na obra de Gramsci. O senhor já tratou desse tema em algumas obras, como Il diavolo nell'ampolla, que traz essa crítica de Gramsci à ditadura dos intelectuais, à separação dualista entre intelectuais e massas, que ele indicava que precisava ser quebrada, levando à formulação da ideia de intelectuais orgânicos. Gostaria de saber se o senhor consegue enxergar alguma iniciativa nesse sentido, seja no Brasil ou na Itália, de partidos que atuem de acordo com uma lógica de quebra dessa separação e o que o senhor acha de algumas visões que tentam estabelecer a partir desse ponto um diálogo entre Gramsci e Toni Negri.

G: Primeiramente acho que não podemos encontrar nenhuma aproximação entre Gramsci e Negri, porque são visões do mundo muito diferentes e respostas às contradições bem diferentes.

Eu acho que o maior legado de Gramsci é a necessidade de superar a contradição entre dirigentes e dirigidos, entre trabalho espiritual e trabalho material. Infelizmente, dentro das próprias organizações do movimento operário, do socialismo, das forças que visam ao progresso, esse legado de fato nunca foi atualizado, nem reivindicado.

Para mim, o Partido Novo de Togliatti tentou realizar esse trabalho. Em uma certa fase histórica, o partido comunista conseguia formar camponeses, operários, que viraram grandes dirigentes, mas permanecendo sempre operários e camponeses, então assumindo aquela dupla função. Para Gramsci, o espírito de cisão, ou

seja, a autodeterminação material e espiritual por meio da qual subalternos podem virar protagonistas dos seus próprios processos de emancipação, subtraindo-se da hegemonia da direção, tanto da civilidade e da filosofia burguesa quanto dos intelectuais burgueses, só pode acontecer por intermédio da criação do intelectual orgânico. Mas o intelectual orgânico na visão de Gramsci, que muitas vezes é interpretada de maneira equivocada, não significa pegar um operário e transformar em um funcionário de partido ou num funcionário sindical, porque ele vira um funcionário como todos os outros e vai sofrer o processo de atração das classes dirigentes. Gramsci afirma que para criar um intelectual orgânico é preciso que o processo de separação entre trabalho material e espiritual seja superado dentro da mesma articulação produtiva, ou seja, não temos que deslocar o operário para a política, temos que deslocar a política para a produção, transformar o operário ou o camponês não apenas em produtor material, mas em intelectual e dirigente de si mesmo, porque cada homem, segundo Gramsci, é um filósofo. Apesar da modalidade prevalente da sua atividade de trabalho ser intelectual ou psicofísica, então, muscular.

A questão do intelectual orgânico, da separação que torna possível o fato de que o partido não seja mais uma organização piramidal, em que temos os chefes e a base ampla, em que a linha do partido se define pelas intuições do chefe traduzidas de forma militar para a base, já é abordada por Gramsci em 1919-1920, quando ele trata do partido como uma barreira de coral. Assim como a barreira de coral consegue travar as marés e determinar novos fluxos pela imersão, possível graças à ação simultânea de milhões e milhões de microrganismos, o partido como barreira de coral deve agir e se levantar horizontalmente pela ação simultânea de milhões de infusores sociais, ou seja, levar a direção e a elaboração aos lugares de trabalho. Esse conceito de intelectual orgânico e de uma direção que desarticule o velho esquema da arte política baseado na diferenciação entre intelectuais e massas eu acho que nunca foi seriamente levado em conta pelas forças do progresso.

O único caso em que vejo a tentativa de traduzir o conceito de intelectual orgânico, uma modalidade de libertação integral do homem das cadeias espirituais e materiais no processo de emancipação, é no caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Eu vejo no MST a tentativa de criar, entre os camponeses, intelectuais orgânicos. Então eu acho que nesse momento é uma das experiências mais interessantes nesse sentido de tradução de um conceito fundamental de Gramsci na concretização da luta política e social.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

O fascismo e o Estado

Armando Boito Jr.

Marx depois da MEGA2

Marcello Musto

Nova leitura de Marx

Jan Hoff

Marx, o marxismo e o comunismo

W. E. B. Du Bois

A Viena vermelha

Michael R. Krätke

53